

# **A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO AMERÍNDIO EM SENDAS PAGÃS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS COM O UNIVERSO DA BRUXARIA NA CIDADE DE MANAUS**

Jeferson Bastos de Souza (Universidade do Estado do Amazonas – UEA)<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Neste artigo, objetivo relatar as experiências de minha trajetória como pagão, bruxo e sacerdote de alguns grupos de bruxaria da cidade de Manaus – AM, buscando verificar de que modo isso me moldou enquanto performer. Ressalto também a importância do pensamento ameríndio na construção e formação de minha espiritualidade e percepção sobre o universo do paganismo, tendo como referência os autores Davi Kopenawa (2015), com sua obra intitulada *A queda do Céu – Palavras de um Xamã Yanomami*, e Ailton Krenak (2019), com seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*. Apresento, assim, experiências cujos conhecimentos dialogam entre si.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Pensamento ameríndio; exercício espiritual; paganismo.

## **ABSTRACT**

This article aims to report the experiences of my trajectory as a pagan, witch and priest of some witchcraft groups in the city of Manaus, seeking to verify how this shaped me as a performer. Also emphasizing the importance of Amerindian thought in the construction and formation of my spirituality and perception of the universe of paganism, having as reference the authors Davi Kopenawa (2015) with his work entitled “The Fall of Heaven – Words of a Yanomami Shaman” and Ailton Krenak (2019) with his book “Ideas to postpone the end of the world”. Thus, presenting experiences whose knowledge dialogues with each other.

## **KEYWORDS**

Amerindian thought; spiritual exercise; paganism.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH – UEA e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM). Performer e artista pesquisador do Diretório de Pesquisa Tabihuni (UEA).

São as bruxas que sempre me inspiraram e é com elas que busco tecer esse diálogo e promover essa reflexão.

Parte do título escolhido para compor esse artigo foi inspirado na série “Incorporação em Sendas Pagãs<sup>2</sup>”, que foi dividida em sete partes, realizada e transmitida pelos canais do YouTube do Instituto Mãe Terra e da bruxa e sacerdotisa Lua Serena, a qual, juntamente com o seu consorte e companheiro, Elfo Lunar, idealizaram e organizaram o Instituto Mãe Terra que fica localizado na cidade de São Paulo. A série reuniu algumas bruxas, bruxos, sacerdotisas e sacerdotes de diferentes vertentes de bruxaria para discutir e refletir sobre a noção de incorporação na perspectiva pagã.

Destaco essa inspiração pelo fato de acompanhar o trabalho da maioria das bruxas e bruxos que fizeram parte do encontro, ressaltando a relevância dos debates feitos por essas bruxas que integram o universo pagão brasileiro, evidenciando a presença dessas bruxas em solo brasileiro, de suas crenças e modos de vida, os quais são muitas vezes invisibilizados, deslegitimados e obliterados, sendo constantemente alvo de preconceitos. Outro aspecto que merece ser observado é que essas pessoas desenvolvem trabalhos sacerdotais e vivenciam as mais diversas experiências e dinâmicas sociais em seus respectivos grupos de bruxaria.

E assim surge uma questão: porque mesmo existindo tantos grupos de bruxaria neopagãos no Brasil, ainda assim são escassas as pesquisas de cunho científico, tanto na área das Artes como na Antropologia, que versem sobre grupos de bruxaria ou mesmo sobre bruxas neopagãs? Essa indagação foi lançada em meio a um questionamento que venho pleiteando nesse exercício enquanto artista-pesquisador e como alguém que vive na pele, nos ossos e no sangue essa pesquisa.

Esse ensaio não pretende aprofundar o debate levantado na série de vídeos mencionados anteriormente e, sim, falar um pouco das minhas experiências vividas nos grupos de bruxaria da cidade de Manaus, a saber, a Tradição Farreliana, da qual fiz parte durante sete anos, e o Clã Ixanaki, grupo esse do qual ainda faço parte e sou o membro líder. Nesse sentido, será através das minhas práticas e conhecimentos enquanto pagão e bruxo que proponho essa provocação, buscando refletir na possibilidade de pensar alguns aspectos do paganismo a partir do pensamento ameríndio.

---

<sup>2</sup>Pagãos que fizeram parte do debate: Raphael Kakazu e Petrucia Finkler (Bruxaria Tradicional); Álex Hylaios (Wicca); Juliana Boduogena e Juju Couto (Druidismo); Elfo Lunar e Lua Serena (Bruxaria Moderna). Vídeo da série disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=igE24xWSOdk&t=225s>. Acessado em: 10 maio 2021.

Sendo assim, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte, “Da Tradição Farreliana de Manaus ao Clã Ixanaki”, relato um pouco da minha experiência com esses dois grupos de bruxaria. Na segunda, “A espiritualidade das florestas: Diálogos entre os conhecimentos indígenas e os conhecimentos pagãos”, reflito sobre o pensamento ameríndio a partir das obras de dois pensadores indígenas, Davi Kopenawa e Ailton Krenak, buscando relacioná-los com algumas experiências e percepções do meu repertório enquanto bruxo e pagão.

### **Da Tradição Farreliana ao Clã Ixanaki**

Entre os anos de 2013 a 2020, fui membro ativo de um grupo de bruxaria da cidade de Manaus chamada Tradição Farreliana. Nesse grupo, passei pelos graus de Neófito, Dedicante, Sacerdote de Primeiro e de Segundo Grau, graus esses que um membro é incentivado a galgar em sua trajetória sacerdotal dentro do grupo. A cada novo grau alcançado, realizava-se um rito de passagem para demarcar essa nova iniciação, assim, acabei passando por três ritos de passagem: o primeiro quando passei de Neófito para Dedicante; o segundo, quando passei de Dedicante a Sacerdote de Primeiro Grau e o terceiro, quando passei de Sacerdote para Elder, nomenclatura atribuída ao sacerdote de segundo grau.

Todos esses três ritos de passagem que vivenciei foram realizados em contato direto com a natureza, no período da noite e dentro da floresta. Essa relação com a natureza é um ponto muito importante para a maioria dos pagãos e grupos de bruxaria, principalmente quando se trata de ritual de iniciação em que são observadas a fase da lua e a estação que irá ocorrer o rito; nesse sentido, o membro iniciante é incentivado a experimentar essa relação com a natureza de forma mais íntima e espiritual.

Esse exercício de ir para a floresta, acampar na natureza, dormir e acordar ao lado das árvores, do rio, dos pássaros e dos animais noturnos e ainda realizar rituais sob o céu estrelado foi a experiência que moldou meus devaneios sobre ser pagão. Essa prática suscita uma reflexão que caminha ao encontro do discurso do pensador indígena Ailton Krenak (2020) em seu livro *O amanhã não está à venda*, o qual é permeado de ensinamento e sabedoria. Em um trecho do texto, ele afirma:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade.

Eu não percebo algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2020, p.8).

Desse modo, o constante exercício de acampar na floresta para realizar rituais, de alguma forma foi dirimindo em nossos corpos, mentes e espíritos essa separação entre “a Terra e a humanidade” da qual fala Krenak. Em uma observação atenta e sensível, é possível identificar a mudança que essa prática engendra em nossas vidas influenciando todo o nosso aspecto cognitivo, subjetivo e afetivo, pois, a cada novo encontro, as experiências eram sempre novas e únicas, tornando-se uma prática rotineira que perdurou durante todos os anos em que estive dentro do grupo. Estar na floresta junto com todas as outras pessoas que pertenciam ao grupo, celebrando a vida, a morte, o renascimento, dançando em volta da fogueira, lembrando o nome de antigos deuses e lançando encantamentos nas brisas dos ventos era o nosso grande regozijo de um espírito pagão que “compreende o mundo no rumo do ser com a natureza, e do ser com o outro e com o Outro” (LEFF, 2009, p. 22).

Essa relação e contato com a natureza também se fazia presente nos Festivais Sazonais do grupo, conhecidos pelas bruxas como *Sabbat*. Esse grupo celebrava oito Festivais, sobre os quais falei em um artigo que desenvolvi em minha iniciação científica e que se intitula “O corpo em estado alterado de consciência nos rituais da Tradição Farreliana de Manaus<sup>3</sup>”. Na primeira seção desse texto, trouxe os rituais que eram celebrados pelo grupo, porém, ressalto que participei de muitos rituais ao longo da minha trajetória como membro, então seria uma tarefa quase impossível falar sobre cada ritual particularmente. Sendo assim, em nível de entendimento e por serem os rituais que se relacionam com a proposta deste ensaio, destaco em específico os Sabbats.

Na Tradição Farreliana celebra-se os oito sabás da roda do ano, sendo que temos os quatro Grandes Sabás maiores e os quatro Sabás menores, os quatro maiores são: Imbolc (2 de fevereiro), Beltane (30 de abril), Lughnasadh (1º de agosto) e Samhain (31 de outubro). E os quatro Sabás menores que marcam os dois solstícios, do verão e no meio do inverno, e os dois equinócios na primavera e no outono que são: Ostara (21 de março), Litha (22 de junho), Mabon (21 de setembro) e Yule (22 de dezembro). (SOUZA, 2016, p. 12).

O primeiro Sabbat de que participei foi o Festival de Lughnasadh, considerado o Festival da Primeira Colheita. Durante os anos em que estive no grupo, celebrei esse festival juntamente com os outros sete Sabbats mais de uma vez, pelo fato de ter sido

---

<sup>3</sup>Publicado pela revista *Zona de Impacto* no ano de 2016.

integrante do grupo durante quase oito anos. E foi assim que obtive a oportunidade de vivenciar esse movimento cíclico promovido por essa cosmologia sabática.

Em todos esses oito Festivais, nos movimentávamos para acampar na floresta, longe da cidade, e realizar as nossas celebrações. Esses rituais promovem diversos simbolismos sazonais que são explorados por muitos grupos de bruxaria e pagãos ao redor do mundo, por exemplo, a perspectiva dos nossos próprios ciclos pessoais e coletivos, a perspectiva de plantar, semear e colher uma semente, um movimento que pede zelo, recolhimento, reconhecimento e generosidade, a perspectiva dos fenômenos naturais, como o sol, a chuva, verão, inverno, fogo, água e muitos outros simbolismos sazonais que podem ser observados através desses Festivais.

Os rituais são elementos que constituem as práticas de qualquer pagão, move as dinâmicas sociais dos grupos e define sua identidade mágica. São bastante diversos e operam de forma diferente variando de grupo para grupo. Nesses rituais de Sabbat da Tradição Farreliana, cultuam-se deuses honrando-os através de celebrações compostas de orações, invocações, oferendas, cantos e danças previamente pensados e elaborados por algum sacerdote do grupo.

Dessa forma, os rituais são os órgãos desse corpo sabático e o meio pelo qual as bruxas e pagãos externalizam suas crenças. É por meio do ritual que um membro pode sentir e escolher se é isso que ele quer para a sua vida, se vai trilhar esse caminho mágico. É através do ritual que experimentamos as mais diversas sensações e aprendizados, às vezes acontece de em um ritual “comum”, do cotidiano (que já faz parte da ritualística do grupo) sermos *transportados* e *transformados* (SCHECHNER, 2012) pela dinâmica do ritual, fenômenos esses que geralmente acontecem em um rito de passagem. Nessa esteira, o diretor de teatro e antropólogo Richard Schechner tece uma reflexão minuciosa sobre a perspectiva do ritual, em que ele fala sobre essas performances de transformações, bem como sobre os agenciamentos produzidos pela prática ritualística. Toda a sua reflexão está sempre em diálogo com outros autores da antropologia como Victor Turner e Van Gennep. Em um trecho do capítulo “Ritual, Jogo e Performance”, Schechner (2012, p. 49) afirma que:

Rituais são uma forma de as pessoas lembrarem. Rituais são memórias em ação, codificadas em ações. Rituais também ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária.

A partir desse postulado é possível perceber a perspectiva do ritual agindo no âmbito social e também no aspecto cognitivo e subjetivo dos indivíduos e do coletivo, por suscitar questões da própria vida, do cotidiano e da sociabilidade de determinadas pessoas.

Logo que entrei para o grupo a ideia de cultuar e lembrar o nome de antigos deuses me pareceu algo bastante familiar. Na medida em que estudávamos e conversávamos nas aulas do grupo, o que acontecia todo final de semana, fomos entendendo que esses deuses não eram algo do passado, estático e fictício, perdido e esquecido na história do tempo. Na verdade, eram e são figuras reais, do nosso presente, permeados de significados e representações que muito se assemelham às questões humanas, que ficam contentes e felizes quando seus nomes são lembrados e invocados. Nesse sentido, cultuar esses deuses com respeito e admiração, remetia a um fluxo de sentimentos e sensações que pareciam já terem sido experienciados, em um outro momento, em um outro corpo, em um outro espírito, em uma outra vida.

Essa imagem, de uma das minhas iniciações, me faz pensar sobre o que eu senti naquela noite, porque, talvez, o que eu senti naquela noite seja exatamente aquilo que eu sou. Ouvidos atentos ao que a floresta me soprava: “Seja Terra, seja Rio, seja Pássaro, seja Noite, seja Dia!”. Olhos fixados no céu desenhado pelas estrelas e a Lua. Olho para o chão e lembro que um dia também fui pássaro, meus braços levantavam e abaixavam, igual aqueles sonhos em que a gente consegue voar. Entendi naquela noite que o meu corpo e o meu espírito também eram árvore, sou integrado à Terra, ao silêncio da noite e à canção noturna dos animais.



**Figura 01:** Ritual de Iniciação ao Segundo Grau (2018)<sup>4</sup>  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor

Enquanto escrevo este ensaio, acontece o Solstício de Verão, Sabbat de Litha. E também acontece a pandemia da covid-19, que perdura desde 2020, um momento de luto, de tristeza e de recolhimento. Penso nos meus rituais e como que essa prática, de fato, como observou Schechner, nos ajuda a lidar com transições difíceis; nesse sentido, o ritual que celebra a natureza em toda a sua plenitude, justamente em um momento de tantas incertezas, surge como um horizonte e uma possibilidade de pensar em práticas regenerativas.

Desde meados de 2018, quando foi formalizada a criação do meu próprio Clã, à época ainda integrante da Tradição Farreliana, fiquei à frente de muitos dos rituais que eram realizados dentro do grupo; desde 2017, com a saída dos antigos líderes do grupo, fui percebendo a necessidade de abraçar essa oportunidade de ficar responsável por idealizar, elaborar e organizar uma celebração de caráter ritualístico. E foi com essa constante prática de sacerdote celebrante que fui percebendo a importância dos rituais para o coletivo, na medida em que não fazia um ritual pensando em x ou y, e sim pensando na experiência coletiva das pessoas que estariam ali naquele momento. Assim, desse período em diante, fui criando uma grande e importante afinidade em criar rituais

---

<sup>4</sup>Foto tirada pelo Sacerdote responsável pelo ritual.

e muito desse desejo vem do fato de eu ter uma formação com as artes, mais especificamente o teatro.

O antropólogo Victor Turner (2016), estudioso do ritual e das dinâmicas e conflitos sociais do povo Ndembu, nos registros de seus últimos escritos que antecederam sua morte propõe uma “Antropologia da Experiência<sup>5</sup>”, momento em que o autor passa a se interessar mais pelos conhecimentos adquiridos e pela subjetividade de seus interlocutores que estão imersos nessa teia de significados e menos pelas categorias estruturais do ritual. Logo na introdução de sua obra *Do ritual ao teatro – a seriedade humana de brincar*, ele observa:

Talvez, se não tivesse sido exposto precocemente ao teatro – minha primeira memória clara de uma peça foi a verão de Sir Frank Benson de A tempestade, quando eu tinha 5 anos -, eu não teria sido alertado para o potencial “teatral” da vida social, especialmente em comunidades tão coesas como as aldeias africanas. (TURNER, 2015, p. 10)

Essa noção levantada por Turner é bastante relevante, pois no mesmo período em que entrei para a Tradição Farreliana, ainda como Neófito, também ingressei na minha graduação em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), exercendo os dois universos na prática e ao mesmo tempo. Enquanto na Tradição realizava meu treinamento mágico, pleiteando me tornar um sacerdote e iniciado do grupo, na graduação, realizava meu treinamento artístico como ator de teatro. Nessa relação entre ser pagão-bruxo e ator fez com que eu percebesse elementos que convergiam do aspecto mágico da bruxaria com o aspecto mágico do teatro, além de potencializar o meu corpo em cena. Pensando nesse sentido, o processo iniciático se faz presente também no teatro.

Com o fim da minha pesquisa de iniciação científica, citada anteriormente, logo em seguida veio o trabalho de conclusão de curso e a montagem cênica final que os bacharéis em teatro precisam fazer para colar grau. Sendo assim, busquei usar a minha pesquisa como referência para ambos os trabalhos, tendo em vista que a proposta da montagem cênica do meu grupo, juntamente com outros artistas e colegas da graduação, foi caminhando para se tornar uma performance-ritual.

Todos os artistas que faziam parte do processo foram incentivados a participar de pelo menos um ritual da Tradição Farreliana, e assim foi feito. Ao participar do

---

<sup>5</sup>Que vai culminar na Antropologia da Performance, corrente teórica e metodológica que é base da pesquisa que desenvolvo no mestrado com outros dois grupos de bruxaria da cidade de Manaus.



ritual, o ator Robson Ney teve a ideia de explorar a fogueira, que era um elemento que sempre estava presente nos rituais da Tradição. Apresentamos a performance-ritual, intitulada *Corpos Elementais*, várias vezes durante todo o período que tínhamos para realizar esse processo, e que passou por muitas etapas de desenvolvimento até chegar no “produto” final.

A performance-ritual *Corpos Elementais* tinha como objetivo realizar uma grande imersão nos quatro elementos da natureza (Terra, Ar, Fogo e Água) buscando envolver todos os corpos ali presentes, tanto dos artistas quanto do público, nesse movimento e inserção dos quatro elementos. Por esse motivo, a performance-ritual acontecia em locais específicos, um quintal, terreno, com árvores plantas, terra, que pudesse compor e contribuir com a abordagem ritualística dessa apresentação.

Ao refletir e lembrar esse percurso que se deu em 2016, penso que todo esse processo teve mais êxito por fazer essa reverência aos espíritos da natureza, por trazer a Terra, o Ar, o Fogo e a Água de forma artística e criativa para compor a performance, por honrar o ambiente que nos cercava e por homenagear e saudar a existência da nossa Mãe Terra.

Durante as apresentações, realizava-se a confecção da imagem de um pentagrama feito de folhas do próprio espaço, esse exercício era um processo meditativo e bastante invocativo. Meditativo porque dessa forma eu tinha a oportunidade de meditar sobre o que estávamos prestes a fazer e me sentir integrado a tudo o que estava a minha volta, além de ajudar no estado de presença e de consciência, ser e estar, que a performance promovia. Invocativo porque os espíritos que daquele lugar faziam a sua morada se faziam presentes, os seres das folhas, os seres das plantas e os seres da terra.

O simbolismo das pontas do pentagrama, que era explorado na proposta dessa performance, era sobre a invocação da Terra, do Ar, do Fogo, da Água e do Espírito. E ao invocar essa poderosa magia, abrimos portais, tanto internos quanto externos, portais de autorreflexão, de comunhão, de experiências espirituais, de contato com o primeiro mundo, o mundo dos seres em nós.

O Elemento Terra, que pode ser o meu corpo, assim como as minhas materializações e concretizações. O Elemento Ar, que pode ser a minha respiração, assim como os meus pensamentos e potência criativa. O Elemento Fogo, que pode ser o meu espírito, assim como as minhas ações e capacidade de se transmutar. O Elemento Água, que pode ser o meu sangue, assim como os meus sentimentos, emoções e

mistérios internos. Os cruzamentos e conexões que esses fenômenos engendram entre eles é também o que nos forma enquanto seres espirituais.



**Figura 02** – Pentagrama de Folhas (Performance-Ritual Corpos Elementais)  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor

O ano de 2020 marca a minha saída da Tradição, levando comigo o grupo que havia formado juntamente com outros amigos pagãos, com essa saída fomos percebendo o desejo de cada vez mais romper com o sistema wiccaniano<sup>6</sup>, o qual regia a organização interna do grupo que fazíamos parte, assim como rege muitos outros grupos neopagãos espalhados pelo Brasil. Fomos percebendo que tínhamos uma identidade própria, que não vibrava nesse sistema vigente, assim, aos poucos encontramos outras vertentes de bruxaria<sup>7</sup> que dialogavam mais com a nossa abordagem.

No Clã Ixanaki<sup>8</sup>, grupo do qual sou líder e cujo nome faz referência à cultura indígena, organizamos nossas celebrações em: Festival dos deuses, Esbats<sup>9</sup> – intercalando entre as fases da Lua (lua crescente, lua cheia, lua minguante e lua negra<sup>10</sup>) –, Sagrado Feminino em 2019 e Sagrado Queer em 2020.

O Festival dos deuses tinha como objetivo honrar e celebrar os deuses com os quais os Sacerdotes têm mais relação, intimidade e afinidade. Os rituais de Esbats

---

<sup>6</sup>Sistema vinculado a bruxaria moderna conhecida como Wicca, religião essa que possui suas subcategorias (Wicca Tradicional, Wicca Eclética, Wicca Diânica e etc).

<sup>7</sup>Vertente da Bruxaria Moderna com suas subcategorias, vertente da Bruxaria Tradicional (BT) e sua subcategoria a Bruxaria Tradicional Moderna (BTM).

<sup>8</sup>Entre o povo Wauja da língua aruwak do Alto Xingu, a prática da feitiçaria é conhecida na língua como Ixanaki.

<sup>9</sup>Esbats é considerado um ritual feito com base na lua.

<sup>10</sup>Lua negra acontece nas duas luas que antecede a lua nova, momento em que não há lua no céu.

eram celebrados à noite por ter essa relação com a Lua, buscando intercalar a cada mês com uma fase lunar diferente, dando a oportunidade de os membros experimentarem e conhecerem as outras energias dessas fases da lua, pois, no grupo do qual fazíamos parte, havia uma ênfase na lua cheia e na lua negra.

Nas celebrações do Sagrado Feminino, todos os membros eram incentivados a participar, tanto as mulheres quanto os homens, pois entendíamos que ambos os sagrados, masculino e feminino, são inerentes a todos nós, e também para poder compreender e entender as dinâmicas exploradas por esse sagrado.

No Sagrado Queer, todos os membros também eram incentivados a participar, buscando entender as várias potencialidades mágicas e transformadoras em ser LGBTQI+, tentando aos poucos curar as feridas que nos afetam ou afetaram.



**Figura 03** – Celebração do Sagrado Queer (Clã Ixanaki 2020)<sup>11</sup>  
**Fonte:** Álbum de fotos do grupo

Todo esse processo foi vivenciado do final de 2018 em diante, um trabalho que de forma alguma foi pensado de forma solitária, mas coletivo, colaborativo. Fazer parte de um grupo consiste em querer estar em comunidade, é formar laços afetivos, aprender e conhecer juntos, observar e respeitar os aprendizados, cultivar a generosidade e a humildade, se entregar às novas experiências que se apresentam, é “a compreensão do ser no saber” do qual fala Enrique Leff (2009). De acordo com a bruxa e sacerdotisa Starhawk, figura importante para o paganismo contemporâneo que busca unir magia e

---

<sup>11</sup>Foto tirada por uma integrante do grupo.

ativismo em seu sacerdócio, no seu livro *A dança cósmica das feiticeiras*, especialmente no capítulo em que fala sobre “O coven”:

Um coven é um grupo de pessoas consideradas como iguais, mas não é um “grupo acéfalo”. A autoridade e o poder, no entanto, estão baseados em princípios muito diferente daqueles predominantes no mundo em geral. O poder, em um coven, nunca é o poder sobre o outro. É o poder que vem de dentro. (STARHAWK, 1993, p.50)

Após nossa saída da Tradição, um ciclo que havia chegado ao fim, tivemos que repensar muitas das nossas práticas e dos nossos ensinamentos, e ainda estamos nesse processo de mudança, de reencontro. Propomos a experimentar todas as experiências citadas anteriormente, além das aulas, que, dessa vez, não estavam mais vinculadas a alguma apostila específica ou apenas a uma vertente de bruxaria, mas variando em temas diferentes e pertinentes que dialogavam com esse desejo de mudança. Sendo assim, percebemos a importância de estudar, compreender, conhecer a perspectiva indígena, um desejo que sempre pleiteei, por isso o nome do Clã ser um nome que referencia a cultura indígena e por se tratar de questões que me atravessam.

Gerir um grupo como líder é uma tarefa árdua, mas cheia de aprendizados que vão nos moldando para sermos seres humanos melhores; é possível perceber que existe uma diferença entre ser um *iniciado* e um *iniciador*, que inspira outras pessoas e que se permite ser inspirado. Estar à frente de um grupo requer esforço para articular e organizar as ideias, responsabilidade espiritual para com o processo de desenvolvimento e maturidade de cada integrante, bem como exige compromisso sacerdotal com o meio em que vive, com o contexto da comunidade que fazemos parte e com os movimentos e dinâmicas que permeiam a sociedade.

Embora o Clã Ixanaki seja bastante jovem, com apenas dois anos de existência, ainda assim vivemos experiências transformadoras por meio dos nossos rituais. Com o advento da pandemia da covid-19, tivemos que dar uma pausa em nossos encontros afetando o processo e o desenvolvimento dos ensinamentos que estavam programados, pois a intenção era poder aprofundar e experimentar na prática os conhecimentos relacionados aos quatro elementos da natureza.

Por eu ter essa formação em artes, sempre tive vontade de tecer relações entre os aprendizados e conhecimentos que adquiri do teatro com os ensinamentos e práticas do meu clã. Observei que, para conseguir alcançar esse objetivo, precisamos nos permitir a conhecer e experimentar as ideias criativas que forem surgindo ao longo desse

processo. Pois assim vamos identificar que o processo criativo também é um ato mágico e que fazer magia não necessariamente precisa só estar ligado ao ato de fazer feitiços e rituais.

[...] Como uma bruxa tradicional, eu tento incorporar minhas artes e crenças em todas as partes da minha vida e em tudo que faço, não importa o quão aparentemente mundano seja o que eu estou fazendo. Há uma longa história de magia em qualquer ato cotidiano – e acho que uma curiosa bruxa tradicional sabe disso melhor que ninguém. (LAWLESS, n.d,n.p).

Desse modo, ao conhecer e conversar com outros pagãos de outros grupos, tive a oportunidade de conhecer outras vertentes de bruxaria, como a Bruxaria Tradicional, que é a vertente à qual a bruxa e escritora Sarah Anne Lawless se refere nesse postulado citado acima. Foi apenas em meados de 2020 que comecei a me aprofundar nos estudos relacionados a essa corrente que tanto dialoga com meus pensamentos, percepções e práticas sobre bruxaria e que, inclusive, fundamenta e se relaciona com a abordagem do meu Clã.

Portanto, torna-se importante ressaltar que ainda estamos em processo de estudo, de investigação e de identificação, buscando nos estruturar e nos encontrar em meio a tantas formas díspares de bruxaria, pois mesmo que nossa base não esteja vinculada ao sistema wiccaniano, ainda assim tivemos uma formação cujo grupo referenciava esse sistema. Seria um tanto esquizofrênico não considerar a Wicca como um sistema legítimo e que influencia muitos grupos neopagãos de bruxaria no Brasil, além do fato de possuir elementos que merecem a devida reverência. Contudo, é possível também apontar as várias problemáticas e tecer críticas a esse sistema que não é a única forma de bruxaria existente, os caminhos são díspares assim como as trilhas das florestas.

### **A espiritualidade das florestas: Diálogos entre os conhecimentos indígenas e os conhecimentos pagãos**

Diante desse breve relato de experiências aqui apresentados, lanço a proposta de pensar alguns aspectos do paganismo a partir da perspectiva ameríndia. Tendo em vista que os conhecimentos produzidos e perpetuados no universo do paganismo, em específico a bruxaria, suscitam engendramentos que têm muita relação com os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas.

O período da minha graduação foi o momento em que tive a oportunidade de conhecer um pouco mais a respeito da cultura indígena, sobre a qual sempre tive interesse de poder estudar, saindo da superficialidade e das ideias pejorativas e equivocadas que foram socialmente construídas relativamente a esses povos. Pelo fato de ter tido um orientador<sup>12</sup> que pesquisou *A performatividade do pajé-hekura Yanomami da região de Maturacá* – título da sua tese de doutorado – e que formou o grupo de pesquisa Tabihuni na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – o qual integro como artista-pesquisador – permitiu que eu começasse a enveredar, mesmo que de forma inicial, nos estudos concernentes à perspectiva indígena, pois, no Tabihuni, há várias iniciativas como palestras, apresentação de pesquisas, organização de eventos e realização de performances com essa temática.

Foi através de uma das palestras organizadas pelo Tabihuni que conheci o trabalho do antropólogo e pesquisador Aristóteles Barcelos Neto, que foi convidado a falar sobre sua pesquisa desenvolvida no Alto Xingu com o povo Wauja. Posteriormente, viria a ler um de seus artigos, “De divinação xamânicas e acusações de feitiçaria: Imagens Wauja da agência letal”, para compreender a dinâmica da feitiçaria sob a ótica indígena, assim encontraria também nesse ensaio o nome que dei ao meu Clã: “*Ixanaki*”.

Quase todo feitiçeiro descende de um feitiçeiro, pois é dito pelos Wauja que a feitiçaria é um saber transmitido de pai para filho ou de avô para neto, mas também seria possível aprender o ofício letal em um suposto círculo restrito de feitiçeiros. Somente um feitiçeiro é capaz de fazer outro feitiçeiro. Não se trata apenas de um saber transmitido, mas sobretudo de uma incorporação, que é devida a um tipo especial de reclusão, na qual o tempo do jovem feitiçeiro é investido em atividades de reclusão, na qual o tempo do jovem feitiçeiro é investido em atividades como suportar doloridíssimas picadas de formigas tocandira (mei, em Wuja – elas são as companheiras dos feitiçeiros e o modelo animal da alta feitiçaria) e o calor de objetos incandescentes. (BARCELOS NETO, 2006, p. 287)

É nesse processo de afetação pela perspectiva indígena que venho construindo e semeando esses constantes aprendizados. Ainda é nítido em minha memória o dia em que pela primeira vez ouvi a cantora Djuena Tikuna, uma artista indígena bastante

---

<sup>12</sup> Performer, Diretor de Teatro e Antropólogo-Artista. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas-UEA, Professor titular do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH, Professor e Vice-Coordenador do Mestrado Profissional em Artes - Prof-Artes UFAM/UEA. Pós-doutorado e Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM, com a pesquisa intitulada: O(s) Corpo(s) kōkamōu: a performatividade do pajé-hekura Yanonami da região de Maturacá.

conhecida na cidade de Manaus, em que ela foi convidada para cantar em um evento de Turismo Comunitário organizado pelo curso de Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Em outra ocasião, quando cursei a disciplina de Arte e Xamanismo na Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Logo no primeiro dia de aula, tivemos a oportunidade de acompanhar a exposição do artista indígena Jaider Esbell, que se fazia presente em Manaus, apresentando também em uma palestra um breve relato sobre seu texto intitulado “Makunaima, o meu avô em mim!”. Ao responder uma pergunta feita pelo público participante sobre a relação das artes indígenas com a espiritualidade, ele disse: “*Não existe arte indígena sem espiritualidade*”. (ESBELL, 2018).

Por fim, o acontecimento principal que me atravessou, que me afetou de todas as formas possíveis e me fez repensar a minha concepção sobre o universo do paganismo, além de ter influenciado e ainda influenciar a minha prática como pagão e bruxo foi o momento em que li o livro *A queda do céu – Palavras de um Xamã Yanomami*, de Davi Kopenawa (2015) em colaboração com o antropólogo Bruce Albert. A leitura desse livro foi acompanhada de muitos *insights*, que me fizeram lembrar das minhas próprias experiências com a bruxaria e do meu processo iniciático.

De certo, a experiência é única, pessoal e individual e com toda a certeza será um dia, ou melhor, uma noite que ficará marcada para sempre na minha vida, assim como o primeiro sabbat que participei. (Diário pessoal do autor, *Iniciação ao Primeiro Grau*, 2015).

Foi a partir dessa leitura que percebi o quanto os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas vão ao encontro dos conhecimentos empreendidos pelo viés pagão. Quando Davi Kopenawa fala sobre a sua relação com os espíritos *xapiri* e todo o conhecimento suscitado por eles, me faz lembrar dos espíritos e deuses cultuados pelas bruxas e pagãos, que algumas vão chamar de espíritos ancestrais. Dividindo em *ancestrais da terra*, podendo ser os espíritos locais que daquele lugar fazem sua morada seja ele um jardim, um quintal, uma floresta ou até mesmo um espaço e contexto geográfico específico; nessa divisão também tem os *ancestrais de sangue*, que podem ser os espíritos que compõem a nossa árvore genealógica, aquelas pessoas que vieram antes de nós e que fazem parte da nossa linhagem, e os *ancestrais da arte*, podendo ser tanto deuses e deusas pelos quais mantemos apreço, como também podem ser espíritos que deixaram um legado e uma corrente mágica.

É interessante notar a dinâmica bastante diversa quando se fala em espíritos, que dentro da própria cosmologia indígena varia de povo para povo, as mitologias são vastas, mas sempre tem uma relação com o universo espiritual, como relata Kopenawa no segundo capítulo, em que ele fala sobre como surgiram os espíritos *xapiri*:

Por isso *Omama* finalmente criou os *xapiri*, para podermos nos vingar das doenças e nos proteger da morte a que nos sujeitou seu irmão mau. Então ele criou os espíritos da floresta *urihinari*, os espíritos das águas *mãu unari* e os espíritos animais *yarori*. Depois, escondeu-os, até que se filho se tornasse xamã, no topo das montanhase nas profundezas do mato. Antes, eu achava que os *xapiri* tinham vindo a existir por si sós, mas estava enganado. Mia tarde, quando pude vê-los e ouvir seus cantos, realmente entendi quem eram. O pai de minha esposa conta também que foi a esposa de *Omama*, a mulher das águas, quem primeiro pediu que os *xapiri* fossem trazidos à existência. Somos seus filhos e nossos antepassados tornaram-se numerosos a partir dela. Por isso, depois de ter procriado, perguntou ao marido: “O que faremos para curar nossos filhos se ficarem doentes?”. Era essa sua preocupação. O pensamento do marido, *Omama*, continuava no esquecimento. Por mais que se espírito buscasse, ele se perguntava em vão o que poderia ainda criar, A mulher das águas lhe disse então: “Pare de ficar aí pensando, sem saber o que fazer. Crie os *xapiri*, para curarem nossos filhos!”. *Omama* concordou: “*Awei!* São palavras sensatas. Os espíritos irão afugentar os seres maléficos. Arrancarão deles a imagem dos doentes e as trarão de volta para seus corpos!”. Foi assim que ele fez aparecer os *xapiri*, tão numerosos e poderosos quanto os conhecemos hoje. (KOPENAWA, 2015, p. 84)

Essa relação com espíritos, com o universo invisível e com o entendimento do ser enquanto natureza é uma prática constante nas concepções das bruxas, que conhecem e compreendem de forma muito natural esse universo, encontrando nesses espaços o entendimento sobre si, sobre o mundo, sobre o outro e sobre a sua magia.

Após a leitura do livro de Kopenawa, passei a pensar na importância de todo esse conhecimento e sabedorias ancestrais que estão presentes em cada página da obra, bem como na memória e no corpo desse xamã e do seu povo yanomami. Nesse sentido, pensar o paganismo por essa ótica ameríndia parece ser um horizonte possível e necessário na medida em que a existência desses povos é permeada de muita luta e resistência. Reconhecer e se integrar as questões indígenas é pensar para além do neoxamanismo, uma prática conhecida e explorada por alguns pagãos, é sair da superficialidade exótica e pejorativa que temos sobre esses povos e de fato *sonhar a terra* como destaca Davi Kopenawa.

Essa afetação suscitada pela sabedoria de Kopenawa me fez refletir sobre as minhas principais práticas como pagão, que são de profundas imersões na floresta, para fazer rituais, honrar os espíritos, meditar, me energizar e me comunicar com o invisível, com o sol, a lua, as árvores, o vento, a terra, enfatizando e explorando cada uma dessas



experiências como práticas recorrentes que compõem o meu repertório como bruxo. Além disso, desenvolvo meu trabalho com as sombras através do escuro da floresta, pois a magia noturna é um elemento fundamental para o entendimento dos meus próprios mistérios. Como observa o ocultista Konstantinos (2003, p. 29), “A inspiração da noite pode lhe ensinar coisas sobre você mesmo e como deve interagir com o mundo, sendo sempre fiel às suas metas [...] dê ouvidos à noite.”



**Figura 04** – Imersão no escuro da floresta

**Fonte:** Arquivo pessoal do autor

Fui ao encontro de *Baba Yaga* e ela me libertou das minhas próprias ilusões, me ungiu com o seu óleo da verdade, me ajudou a submergir nas profundezas do meu interior, para que eu reconhecesse as minhas próprias sombras. Me auxiliou no resgate da minha intuição e natureza selvagem. Fui convocado por ela a honrar o meu poder pessoal. Bem ali, no local da iniciação, a escuridão da floresta, me descobri bruxa. (Diário pessoal do autor, 2020).

Baba Yaga foi a divindade com a qual mantive uma profunda relação no segundo semestre de 2020, por esse motivo que ela foi reverenciada durante o sabbat de Samhain de 2020 do Clã Ixanaki, festival que considero o mais especial e que tenho muito carinho. A floresta é o lugar do mistério, dos espíritos locais, da iniciação, Baba

Yaga em seus simbolismos e mensagens mantém um contato direto com a floresta, fazendo desse lugar sua morada. É no escuro da floresta que exploro e desenvolvo a minha magia noturna.

Em meio a essas conexões e engendramentos de conhecimentos, destaco também um outro pensador indígena, Ailton Krenak, cujo discurso e práticas estão sempre em diálogo com o *saber ambiental*, como destaca Enrique Leff (1998). A ele busco constantemente acompanhar seja em entrevistas, *lives*, eventos, pois seus ensinamentos são bastante pertinentes e que também se apresenta como um horizonte possível para se pensar o paganismo.

No seu pequeno, mas poderoso, livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Krenak nos indaga com esse título que é uma provocação para pensar em possíveis ideias que poderiam adiar o fim do mundo, na medida em que a nossa constituição enquanto humanidade está fadada a uma ideia totalmente egoísta e mercadológica, que Krenak vai chamar de “humanidade zumbi”.

Krenak chama atenção para outras narrativas de concepções de mundo de povos que ainda reverenciam a Terra como um organismo vivo, pulsante, que respira, proporcionando abundâncias férteis de forma gentil e generosa, como os vários povos indígenas existentes no Brasil. Em um trecho do capítulo intitulado “A humanidade que pensamos ser”, Krenak (2019, p. 30) ressalta:

Todas as histórias antigas chamam a Terra de Mãe, Pacha Mama, Gaia. Uma deusa perfeita e infindável, fluxo de graça, beleza e fartura. Veja-se a imagem da deusa da prosperidade, que tem uma cornucópia que fica o tempo todo jorrando riqueza sobre o mundo... Noutras tradições, na China e na Índia, nas Américas, em todas as culturas mais antigas, a referência é de uma provedora maternal. Não tem nada a ver com a imagem masculina ou do pai. Todas as vezes que a imagem do pai rompe nessa paisagem é sempre para depredar, detonar e dominar.

Essas ideias destacadas por Krenak me fazem lembrar das várias deusas que foram cultuadas e honradas durante toda a minha trajetória, tanto no grupo de bruxaria que integrava como no grupo lidero. Através de simbologias e mitologias de deusas como *Inanna*, *Sekhmet*, *Jaci*, *Baba Yaga*, *Brigit*, *Lilith*, *Deméter*, *Afrodite*, *Kali*, *Hekatee* muitas outras, é possível observar ensinamentos e conhecimentos permeados de mensagens de vida que ressoam em nossos corpos e espíritos. Lembrar e honrar essas deusas como figuras imanes e promotoras de transformações, experiências e

autodescobertas em uma sociedade patriarcal é resistir com os pés fincados na Terra e o coração nas nuvens.

O pensador também compartilha da mesma abordagem do xamã Davi Kopenawa, sobre o não conhecimento ou o não reconhecimento da *terra-floresta*, *Urihi*, e do espírito da floresta, *Urihinari*, como mediadores de uma vida em comunhão e interação com outras formas de existências. Um exercício que deve ser sentido e vivido, pois, como sublinha Krenak (2019, p. 15), ao referenciar o conhecido antropólogo Viveiros de Castro em suas provações com o seu perspectivismo amazônico, “Os humanos não são os únicos seres interessantes e que têm uma perspectiva sobre a existência. Muitos outros também têm.”. Krenak fala no texto de um lugar, de uma prática, que suscita o movimento onírico que é a instituição do sonho, que tanto os artistas como as bruxas conhecem bem. Ele diz:

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além desta terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o meu próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar. Assim como quem vai para uma escola aprender uma prática, um conteúdo, uma meditação, uma dança, pode ser iniciado nessa instituição para seguir, avançar num lugar do sonho. Alguns xamãs ou mágicos habitam esses lugares ou têm passagens por eles. São lugares com conexão com o mundo que partilhamos; não é um mundo paralelo, mas que tem uma potência diferente. (KRENAK, 2019, p. 32).

Nesse sentido, a partir da minha experiência como bruxo e também como artista a instituição do sonho do qual fala Krenak é uma potência que agencia as nossas dinâmicas, concepções e relações, na medida em que exercitamos e brincamos com a nossa imaginação através de visualizações e projeções e nos conectamos com os nossos selves, o self discursivo, o self jovem e o self profundo, destacados pela bruxa e escritora Starhawk (1993) em sua obra *A dança cósmica das feiticeiras*. Tendo em vista que toda bruxa reverencia esse lugar do sonho, como um lugar de criação e de autoafirmação de suas práticas mágicas.

Dessa forma, os cruzamentos e relações entre essas formas de conhecimento, de um lado o paganismo, a bruxaria, e de outro o pensamento indígena, são encontros que conversam entre si e que, de certa forma, estão na mesma empreitada de invisibilização

social. Tais encontros engendram outros encontros, outros debates, outras reflexões, em um constante processo de aprendizados cíclicos e heterógenos que apontam uma possibilidade de existência em comunhão com a Terra.

Enfim, tornar-se importante dizer que muitos elementos aqui elencados podem ser analisados de forma mais minuciosa tanto do ponto de vista antropológico como do ponto de vista artístico e sociocultural, porém, busquei neste ensaio realizar um relato de experiências e lançar ao desafio de escrever em poucas páginas uma experiência de quase nove anos, cheia de aprendizados importantes e significativos que me moldaram e me formaram como performer, como bruxo, como artista e como ser humano. E ao escrever meu nome mágico na Terra, eternizo a minha existência no mundo.

## REFERÊNCIAS

BARCELOS NETO, Aristóteles. *De divinações xamânicas e acusações de feitiçaria: Imagens Wauja da agência letal*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, 2006, p. 285-313.

CASTRO, Viveiros de. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

ESBELL, Jaider. *Makunaima, o meu avô em mim!* *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan/jul, 2018.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. *O(s) Corpo(s) Kōkamōu: A performatividade do pajé-hekura Yanomami da Região de Maturacá*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Amazonas, 2019.

GONÇALVES, Luiz Davi Vieira; SOUZA, Jeferson Bastos. *O corpo em estado alterado de consciência nos rituais da Tradição Farreliana de Manaus*. *Zona de Impacto*, Porto Velho, v. 01, p. 6-21, 2016.

GROTOWSKI, Jerzy. *Performer*. Trad. de Patricia Furtado de Mendonça. *Performatus*, Inhumas, ano 3, n. 14, jul. 2015.

KONSTANTINOS. *O grimório gótico*. São Paulo: Madras, 2003.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu – Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

LAWLESS, Sarah Anne. *Introdução à bruxaria tradicional*. Disponível em: <https://aencruzilhada.wixsite.com/aencruzilhada/post/introdu%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-bruxaria-tradicional>. Acessado em: 20 ago. 2020.

LEFF, Enrique. *Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de saberes. Educação e Realidade*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009.

LEFF, Enrique. *Saber Ambiental – Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHECHNER, Richard. *O que é Performance?*. O Percevejo, Rio de Janeiro, ano 11, n. 12, 9. 25-50, 2003.

SCHECHNER, Richard. *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

SCHECHNER, Richard. “Pontos de Contato” revisitados. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 56 n. 2, p. 23-66, 2013

STARHAWK. *A dança cósmica das feiticeiras: Guia de rituais a grande Deusa*. São Paulo: Nova Era, 1993.

TURNER, Victor. *Do ritual ao teatro – A seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974 [1969].